



Caderno Virtual de Turismo

E-ISSN: 1677-6976

caderno@ivt-rj.net

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Brasil

Rosvadoski da Silva, Patrícia; Gava, Rodrigo; Pinheiro Deboçã, Leonardo
Manifestações da identidade em processos de alterações locais: o caso do distrito de Lavras Novas
,Ouro Preto (MG)
Caderno Virtual de Turismo, vol. 14, núm. 1, abril-, 2014, pp. 49-67
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115431119004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Manifestações da identidade em processos de alterações locais: o caso do distrito de Lavras Novas ,Ouro Preto (MG)

Manifestations of identity in processes of local changes: the case of the District of Lavras Novas, Ouro Preto (MG)

Las manifestaciones de la identidad en los procesos de cambios locales: el caso del Distrito de Lavras Novas, Ouro Preto (MG)

Patrícia Rosvadoski da Silva <patirosvadoski@gmail.com >

Mestranda em Administração Pública pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil.

Rodrigo Gava <rgava@ufv.br >

Professor Adjunto da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil.

Leonardo Pinheiro Deboça <leonardopd@gmail.com >

Doutorando em Administração Pública pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), Viçosa, MG, Brasil.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 23-fev-2013

Aceite: 24-fev-2014

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

SILVA, P. R.; GAVA, R; DEBOÇA, L. P . Manifestações da identidade em processos de alterações locais: o caso do distrito de Lavras Novas, Ouro Preto (MG). **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p.49-67, abr. 2014.

REALIZAÇÃO



APOIO INSTITUCIONAL



PATROCÍNIO



Resumo: Tendo como objetivo compreender como a identidade se manifesta como variável interveniente ao processo de desenvolvimento local, o que se buscou foi captar as características identitárias do Distrito de Lavras Novas, Ouro Preto – MG e sua inter-relação com o turismo que ali se estabeleceu. Tendo por marco teórico a relação entre o turismo e o desenvolvimento local, seguido de uma discussão sobre identidade enquanto variável ligada a culturas e significados relacionados e inter-relacionados, a abordagem utilizada foi qualitativa e os dados coletados por meio de entrevistas. Para tanto, os sujeitos de pesquisa foram gerentes ou proprietários das pousadas e restaurantes, representantes das entidades de representação, nativos e representantes do poder público. Conclui-se que em Lavras Novas a identidade local se apresenta por diversas facetas. Ao mesmo tempo em que a história e a cultura do povo do Distrito atraem a atenção de uma significativa parcela dos turistas, essa identidade é também o ponto que separa a população que vive em Lavras Novas em nativos e extra nativos.

Palavras-chave: Identidade; Turismo; Desenvolvimento Local.

Abstract: The objective of this paper was understand how identity manifests as intervener the local development process variable, that was sought was to approach the identity characteristics of the District of Lavras Novas, Ouro Preto - MG and its interrelationship with tourism that stablished there. The theoretical framework was the relationship between tourism and local development, followed by a discussion of identity as a bound variable cultures and meanings related and inter-related, the approach used was qualitative and the data collected through interviews. Therefore, the actors were the managers or owners of hotels and restaurants, representatives organizations managers, natives and government managers. We conclude that in Lavras Novas identity presents several facets. While the history and culture of the people of the district attract the attention of a significant number of tourists, this identity is also the point that separates the population living in Lavras Novas in native and non native.

Keywords: Identity; Tourism; Local Development.

Resumen: Teniendo como meta entender cómo la identidad se manifiesta como coadyuvante de la variable del proceso de desarrollo local, lo que se buscó fue obtener las características de identidad del Distrito de Lavras Novas, Ouro Preto - MG y su interrelación con el turismo que se estableció allí. Utilizando un marco teórico para la relación entre el turismo y el desarrollo local, seguida de una discusión de la identidad como un salto culturas variables y significados relacionados y relacionados entre sí, el método utilizado fue el cualitativo y los datos recogidos a través de entrevistas. Con este fin, los sujetos del estudio fueron los gerentes o propietarios de hoteles y restaurantes, los representantes de las organizaciones de representación, los nativos y los representantes del gobierno. Se llegó a la conclusión de que en Lavras Novas la identidad local presenta varias facetas. Mientras que la historia y la cultura de los pueblos del distrito de atraer la atención de un número importante de turistas, esta identidad es también el punto que separa a la población que vive en el Lavras Novas en nativas y no nativas.

Palabras clave: Identidad; Turismo; Desarrollo Local.

Introdução

Neste artigo se propôs uma análise do desenvolvimento local tendo por referência as características identitárias da comunidade nativa do Distrito de Lavras Novas, no município de Ouro Preto, Minas Gerais, no contexto de expansão da atividade turística no Distrito.

Lavras Novas é um dos doze distritos do Município de Ouro Preto. Há mais ou menos 30 anos passou a receber um fluxo de turistas, sendo que nos últimos 15 anos este passou a ser mais intenso, o que levou a alterações na vida local desta pequena comunidade de pouco mais de 900 habitantes, que em finais de semana de pico chega a somar três mil pessoas (dados da pesquisa empírica, 2013).

Este novo fluxo se faz não apenas em função dos turistas, como também de muitos investidores externos ao local, muitos dos quais tendo conhecido o Distrito junto aos primeiros turistas que chegaram a Lavras Novas, e que também o perceberam como uma oportunidade de investimento.

Compreender o turismo enquanto atividade propulsora a um desenvolvimento local pressupõe ponderações sobre seus efeitos que alcançam não somente o espaço, mas, também e, principalmente, sobre as pessoas que ocupam e usam este espaço no qual a atividade turística se insere, ou seja, um olhar sobre o território. A via natural que circunscreve a identidade a um território se faz por ser aquela um processo de construção de significados com base em atributos culturais inter-relacionados, onde prevalecem determinadas fontes de significados frente a outras. Justamente este filtro de significados que é estruturado pelas circunstâncias locais. Dessa forma, a identidade, para os fins desta pesquisa, foi assumida em sua dimensão coletiva, construída socialmente, e não individualmente (CASTELLS, 1999).

Diante do exposto, partindo da experiência de Lavras Novas, este trabalho objetiva compreender como a identidade da comunidade pode ser considerada uma variável interveniente ao processo de desenvolvimento local.

O que se pressupôs, como orientação à análise empírica, foi que o processo de desenvolvimento decorrido da influência da intensificação do turismo em escala local (Distrito de Lavras Novas) tem como ingrediente fundamental as relações inerentes ao encontro dos empresários extra locais que chegaram ao distrito e os atores locais, onde a identidade local aparece como categoria explicativa sobre a forma com que o desenvolvimento transcorre.

O referencial teórico aborda os temas turismo e desenvolvimento local, buscando entender o contexto em que a atividade turística pode ser inserida como propulsora ao desenvolvimento local, de forma que instigue e motive a comunidade a ser protagonista do próprio desenvolvimento e, conseqüentemente, apropriadora dos seus benefícios. O segundo tema abordado é a identidade, que nesta pesquisa é vista como um processo de construção de culturas e significados relacionados e inter-relacionados. Esta construção é caracterizada como uma busca contínua do indivíduo frente aos demais da própria sociedade ou ao que ele considera 'ameaças externas'. No tópico, seguinte são apresentados os procedimentos metodológicos. A pesquisa utilizou abordagem qualitativa e os dados foram coletados por meio de entrevistas com proprietários ou gerentes de empresas turísticas, moradores, representantes de entidades de apoio do distrito e dos órgãos públicos. A análise dos resultados mostrou que existem vínculos da comunidade com a história local, no entanto, esta identidade não se mostrou suficiente para promover ações significativas para amenizar a relação conflituosa entre moradores nativos e de fora. Por fim, são apresentadas as considerações finais do

trabalho, em que percebeu-se que identidade dos moradores e a relação com a atividade turística se divide entre a atenção a uma significativa parcela de turistas, e seus benefícios para a comunidade, sendo também o ponto que separa a população que vive em Lavras Novas em nativos e os de fora.

Referencial teórico

O referencial teórico procura conceituar e discutir o turismo como propulsor ao desenvolvimento local, seguido de uma discussão sobre identidade e suas ligações com a questão cultural e de significados, como intervenientes ao desenvolvimento local.

Turismo e desenvolvimento local

O turismo corresponde a um setor multifacetado e que além do impacto econômico e a geração de emprego e renda mexe com a vida cotidiana da comunidade receptora, por isso, deve ser estudado e implementado com muita presteza. Sendo assim, está entre as características da atividade turística a sua complexidade, principalmente em função das inúmeras relações que giram entorno do mesmo. Caracteriza-se, pois, o turismo como

Um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1992, p. 11).

Trata-se de um auxiliador na intensificação de trocas culturais e sociais, além de chamar a atenção para questões de conservação, de preservação do meio ambiente e outras atenções que se espalham pela ampliação da informação e/ou intensificação dos contatos, sejam estes provenientes dos meios de comunicação ou mesmo dos contatos cada vez mais intensos que naturalmente ocorrem pelo deslocamento das pessoas.

Justamente nesse sentido é que podemos relacionar possíveis alterações em dinâmicas territoriais específicas, em que o conjunto de significados simbólicos compartilhados pelos atores locais discrimina a forma e a influência do processo de desenvolvimento. Trata-se de uma dinâmica especificada localmente, traduzindo o que percebeu Vázquez Barquero (1990) na realidade europeia, para quem processos de reestruturação assumem formas diferentes em cada localidade, sendo que a formação de sistemas locais de empresas e empreendimentos acaba representando um caráter diferencial a ser compreendido.

O conceito de desenvolvimento local é entendido como um processo endógeno, em que se implementam mudanças passíveis de aumentar as oportunidades sociais, a viabilidade econômica e as condições de vida da população (FRANCO, 2000). Como referência conceitual, deve-se entender que os processos de alteração e (re)organização que possam ter impacto na produção de excedente

gerado nos sistemas locais de empreendimentos devem ter influência de fatores de caráter endógeno para se firmar como desenvolvimento local. Afinal, como reforça Vázquez Barquero (2000), o desenvolvimento resulta do uso do potencial e do excedente gerado localmente, além da captação de recursos, eventualmente externos, bem como a incorporação de economias de origem externas. A ideia é ter condicionada ou mantida influência nas decisões de soluções de forma compartilhada.

Desta feita, o desenvolvimento local, com base nas atividades turísticas, deve abranger a sociedade, o ambiente e a economia, que interatuam e se reforçam mutuamente, numa conjuntura em que a diversidade social e cultural e a diferenciação produtiva sejam empregadas como recursos potenciais para transformações com vistas ao desenvolvimento (BERTON et al, 2005). É nesse contexto que se insere a atividade turística como propulsora ao desenvolvimento local, de forma que instigue e motive a comunidade a ser protagonista do próprio desenvolvimento, isto é, ser responsável pela evolução da atividade e, em decorrência, a principal apropriadora de seus benefícios. Assim, no contexto em que se sugerem ações e estratégias para o desenvolvimento, estas devem partir de dentro para fora, e não ao contrário.

Para Martins (2005) ser protagonista alude a uma postura proativa que deve ser adotada por cada morador em uma luta diária por melhor qualidade de vida, o que envolve tanto condições materiais como imateriais. Está relacionado com interesse, disposição e disponibilidade da comunidade em enfrentar os problemas de forma coletiva, o que leva a duas condições importantes para o desenvolvimento local: “a participação e o sentido de pertencimento a uma comunidade ou lugar” (MARTINS, 2005, p. 110).

Mas como alerta Brandão (2007, p. 39), apesar da natural ocorrência de desenvolvimentos sobre força local e regional, parte significativa da produção intelectual que a advoga “exagera nessa capacidade endógena de determinado território para engendrar um processo virtuoso de desenvolvimento socioeconômico”. Isso inclui a força de se replicar o êxito de outros casos, o que significa, ao mesmo tempo, subestimar os enormes limites colocados à regulação local. Apesar de serem potenciais e manifestas a colaboração e as redes de compromisso tipificadas localmente, a dificuldade das práticas negociativas com atores e, também, as lógicas exógenas, acabam, em muitos momentos, provocando relações verticalizadas, com seleções pontuais de interesse sem que, necessariamente, demais atores locais participem ou se beneficiem das alterações em pauta.

A partir da literatura que trata o tema do desenvolvimento local, o que se percebe é que, contrariamente a sua mais propalada definição conceitual, a de desenvolvimento, o local termina sendo considerando um anônimo a mais, subjacente ao centrismo das decisões e do planejamento do país. Noutro sentido, o que pressupõe estar circunscrito à ideia de local é que o desenvolvimento nesta escala ressalta recortes da singularidade, onde pairam sua latência idiossincrática de influência na capacidade de autopropulsão, identidade e autonomia (BRANDÃO, 2007), especialmente considerando a proximidade do convívio que marca a vida cotidiana nos territórios de pequena extensão, como ressaltado por Dowbor (1995).

A dificuldade que ainda reside para a articulação do conceito tanto de desenvolvimento como de desenvolvimento local reside na distância que entre eles ainda é presente, fazendo-os manifestar ora como uma estrutura sem sujeito, no caso do primeiro, ora sujeito sem estrutura, em sua dimensão conceitual local (BRANDÃO, 2007). A despeito do paradoxo, privilegiaremos o olhar sobre as determinações endógenas que marcam o amparo teórico do desenvolvimento local, viabilizando percepções sobre o objeto empírico e explorando com mais nitidez características peculiares dos atores locais, como a questão de sua identidade e a decorrente capacidade de promover ações em benefício local.

Assim, na perspectiva da atividade turística como possível promotora do desenvolvimento local, alguns desafios devem ser considerados, principalmente no que diz respeito à identidade da comunidade, compreendendo de que forma a atividade turística pode ser utilizada como provedora de impulsos econômicos, sem deixar que a cultura local, patrimônios e manifestações religiosas sejam reduzidos a um produto turístico no sentido *sightseeing*¹.

Identidade

A identidade é algo que não se faz de forma mecânica e absoluta nos indivíduos, uma vez que sua construção é inerente à dinâmica social que se desenrola diante de uma relação de poder, na qual, setores dominantes da população desejam construir uma imagem de si mesmo e uma reprodução histórica que seja compatível com seus interesses. Além disso, não existem alteridades integrais e homogêneas representadas por cada identidade, pois nações ou locais distintos desenham suas identidades em interação e não em isolamento, ou seja, identidade alguma é estática (SOUZA, 2007).

Dessa forma, a identidade é redesenhada no decorrer da história da qual faz parte o indivíduo, por isso “a identidade nacional não deve ser compreendida de forma isolada”. E quando nos voltamos ao local, estamos expressando um sentimento de pertencimento a um determinado lugar, caracterizado como identidade social e que normalmente está relacionado a critérios referentes a locais específicos e de forte ligação pessoal. O foco de análise, nestes casos, volta-se mais para a expressão da identidade marcada pela vida construída localmente que sobre o amplo espectro de influências genéricas do ser brasileiro (GAVA, 2009).

A identificação com o local² também passa a ser percebida como “um significado a partir do qual se relacionam referências de valor mais abstrato, relativo à dinâmica social dos que vivem sobre este espaço, e de onde acabam, em alguns pontos, diferenciando-se de indivíduos e grupos de outros espaços” (GAVA, 2009, p. 118). Ademais, a identidade local assume a importância dessa fração específica de território no sentido de uma estratégia de enfrentamento das influências globais que os alcançam, ajudando a enfrentar tendências homogeneizantes (GAVA, 2009).

Adicionalmente, Castriota (2009, p. 12) observa processos mais amplos e suas influências para uma maior precisão do conceito de identidade. Nesse sentido, salienta, por exemplo, o papel da mundialização. No entanto, demonstra que esse movimento de uniformidade também pode despertar sentimentos de um orgulho local, como uma necessidade de afirmação e um desejo entre os moradores de se mostrar ao mundo, já que agora ele está todo interligado, a sua cultura popular e as diferenças. Assim, apresenta alguns pontos que a mesma pode contribuir para a preservação da identidade local e destaca que

¹ Proposta de percurso turístico com direção sugerida de um Guia (um profissional ou folheteria impressa) onde o turista experimenta “reconhecimentos” sobre patrimônios turísticos (SOUZA e TRICÁRIO, 2013), sejam eles naturais ou produtos da cultura, especialmente as de origem local. No turismo *sightseeing*, dá-se movimento a uma dinâmica turística que supervaloriza as imagens do destino (decisivas na escolha da viagem), quando o turista “é atraído não pelos produtos de um destino, mas pelas imagens destes produtos, reduzindo assim o produto a uma imagem”, como destacam Souza e Tricário (2013, p. 251). O turista tem, nesta perspectiva, pouco envolvimento e preocupação em assimilar ou analisar o produto turístico, pois tende a restringir sua experiência ao reconhecimento do que antes fora materializado em fotografias e similares.

² Torna-se importante esclarecer que neste contexto, o local será percebido pela menor dimensão fragmentada do território, opondo-se ao nacional ou estadual.

o fato é que se, por um lado, a globalização, baseada nos modelos econômicos e políticos neoliberais, fortalece os meios de comunicação de massa como principal fonte de consumo da maioria da população, o que poderia significar um enfraquecimento das culturas locais, por outro lado, o que se vê, quase como um contra-movimento, é o reaparecimento e a asserção das próprias identidades culturais locais (CASTRIOTA, 2009, p. 12).

Em meio às influências potencialmente impactantes das identidades coletivas, costumam emergir o crescente renascimento de tradições culturais aparentemente desaparecidas, assim como da valorização de formas tradicionais de viver e produzir. Isso porque a noção de identidade territorial acaba aglutinando potencial mobilizador, inclusive como ação propulsora de novas estratégias no processo de desenvolvimento. Trata-se de um produto da interação entre os atores sociais, configurando um saber, um modo de fazer, ou, no geral, uma cultura local. A identidade se caracteriza, então, como articuladora do território, “uma complexidade [...] da interação indivíduo-ambiente, mas não [...] uma mera ligação com determinado lugar, como pelo fato de nele ter nascido”. “Mais do que isso, refere-se a uma experiência vivida e que a ele fique impregnada” (GAVA, 2009, p. 120).

Nesta pesquisa, considera-se a identidade como um processo de construção de culturas e significados relacionados e inter-relacionados. Essa construção é caracterizada como uma busca ininterrupta do indivíduo frente aos demais da própria sociedade ou ao que ele considera ‘ameaças externas’. “Desta construção resulta o sujeito, entendido como aquele que se individualiza na construção de sua própria história ou o ‘ator social coletivo’ que alcança o ‘significado holístico em sua experiência’” (MARTINS, 2005, p. 113).

Ter como baliza o conceito de identidade como algo que construído socialmente, como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 1999, p. 22). É como uma metamorfose, ou algo em constante transformação, com resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos (CIAMPA, 1987). Não se confunde, pois, com papéis exercidos socialmente, “definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade” (idem), uma vez que a identidade são fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio da interação que lhes é natural localmente. Portanto, e apesar de sua manifestação se dar por meio de expressão individual, é na identidade coletiva que esta pesquisa firma seu compromisso.

Castells (1999) ainda amplia a capacidade de interpretação dos fenômenos articulados à identidade ao distinguir formas e origens de sua construção, uma vez que tais são marcados por relações de poder. Identifica, por exemplo, os casos em que a identidade é fortemente determinada por instituições dominantes numa sociedade, cuja motivação para tanto parte do interesse em expansão de suas influências e, assim, racionalizar sua dominação sobre os atores sociais. A esta forma identificou a identidade legitimadora, típica dos reforços nacionalistas. Um segundo modo é a identidade de resistência, criada não por instituições, mas por atores de que se encontram desvalorizados ou refém de situações estigmatizadas por influência da lógica de dominação, agindo como trincheiras de resistência e sobrevivência baseadas em princípios distantes daqueles típicos das instituições da sociedade. Por fim, o caso da identidade de projeto, quando os atores sociais constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade. Utilizando-se de material cultural disponível, buscam a transformação da estrutura social em que vivem. Este é o caso do feminismo frente ao patriarcalismo, e o que lhes são inerentes.

A percepção da identidade acaba, dessa forma, sendo captada transversalmente pela viabilidade metodológica em determinado período por ser tanto algo construído e enraizado historicamente, quanto em permanente possibilidade de alteração, dado que mantém em meio a influências e por meio de instituições dominantes e relações de poder. Nesse sentido, argumenta Castells (1999, p. 23):

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

Percebe-se que sobre qualquer fração territorial específica também atuam forças que lhes são distantes, alterando o rol de influências sobre a construção da identidade. A esse respeito, Santos (1994, p. 272) diz que “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade, os lugares respondem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade”. A ordem global serve-se de uma população esparsa de objetos, regidos por essa lei única que os constitui em sistemas. A ordem do lugar é associada a uma população contígua de objetos reunidos pelo território e como território regido pela interação entre os mesmos (RAMALHO FILHO; SARMENTO, 2004).

No entanto, é no lugar onde os fenômenos naturais e humanos acontecem, por isso (MARTINS, 2005, p. 112) “não é apenas porção e sim síntese da totalidade socioespacial”. Dessa forma, há uma “ordem local” diretamente agregada ao dia a dia das pessoas, cujas características são a copresença, a vizinhança, a intimidade e a cooperação (SANTOS, 1996). Dessa maneira a sociedade se identifica pela relação tanto entre as pessoas como entre estas e o seu entorno, “pautada na interdependência e na comunidade de interesses, mas também e, principalmente, no cotidiano conflitante e solidário vivido em comum” (MARTINS, 2005, p. 112).

“A força do lugar” existe em função de um território partilhado e identificado por meio de uma consciência comunitária, em que sua essência é a própria história vivida em comum. Entretanto, é no território que os fatos adquirem significado e se tornam socioespaciais já que, o lugar é exposto às pessoas pela sua materialidade, por meio da sua aparência familiar dos elementos que o contemplam (SANTOS, 1996).

O lugar, o espaço, é parte inerente da identidade de uma pessoa, desta forma, indissolúvel da cultura e da história. O sentimento de pertencimento ao lugar é assim primordial à consciência coletiva, ou seja, é a “percepção mais ampla do entorno e a identidade de interesses entre o indivíduo e a coletividade” (MARTINS, 2005, p. 112).

Assume-se, portanto, o caráter dinâmico da identidade coletiva, em que há perdas e ganhos, a depender do processo social em construção na dimensão tempo/espaço. Daí, os estudos que consideram a questão da identidade brasileira em seu escopo acabarem por manter ressaltadas características que singularizam a realidade brasileira por meio de seu povo.

Na formação brasileira é possível assumir que a identidade nacional como parte da ideia de muitos “Brasis” e que seriam as mudanças – no sentido de processo, modernização, progresso, revolução (na direção da independência e autonomia) – e as continuidades – no sentido de estrutura, permanência, tradição, resistência e conservadorismo – as categorias essenciais na orientação para interpretação do Brasil (REIS, 2005).

Le Bourlegat (2000) apud Martins (2005) aponta que é o sentimento de pertencer a determinado lugar, enquanto conjunto e resultado de uma vida cotidiana que está entre um tipo de energia intangível, isto feito, pode e deve ser incorporado como alavanca para o desenvolvimento. Neste caso, tanto o desenvolvimento local quanto a identidade localmente construída podem se relacionar, sugerindo o estabelecimento de uma afinidade de mútuo fortalecimento com a comunidade e sua identidade cultural, dado que a comunidade afirma a sua identidade local ao reconhecer-se em uma história coletiva (AROCENA, 2004).

Todos os elementos dessa identidade se elucidam somente e se compreendem na existência de uma história vivida em cada um dos habitantes da sociedade local. Entretanto, Arocena (2001) alerta para o fato de este reconhecer-se na história não apresentar nenhum sentido, se é para ficar em um olhar nostálgico do passado.

Somente adquirir toda a sua potencialidade quando a força dessa carga histórica provoca questionamentos sobre o presente, o passado e o futuro, a identidade se converte em alavanca para o desenvolvimento quando leva a descobrir a possibilidade de atuar, mas este descobrimento só é real, só gera realizações quando o indivíduo ou o grupo que atua se reconhece a si mesmos quando capazes de contribuir com algo para a comunidade (AROCENA, 2001, p. 220) (tradução nossa).

O autor ainda salienta a raridade de se encontrar, em uma mesma sociedade, fidelidade e autenticidade às suas tradições e, ao mesmo tempo, abertura a novas aprendizagens de novas pautas sociais e econômicas. Isto porque a afirmação das identidades locais se apresenta normalmente em atitudes conservadoras e contrárias a toda troca que signifique colocar em questão os costumes e hábitos adquiridos (AROCENA, 2001).

Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa classifica-se, quanto à sua abordagem, como qualitativa, compreendida como mais apropriada à profundidade de análise demandada pelo problema da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram os gerentes ou proprietários das pousadas e restaurantes, representantes das entidades de representação, os nativos e representantes do poder público.

Os empresários entrevistados podem ser divididos em dois grupos, a saber, aqueles que são cidadãos nativos e aqueles que são investidores externos. As empresas foram restaurantes, panificadora, pousadas e hotéis e os entrevistados representantes foram os proprietários ou gerentes. Aos empresários investidores externos, residentes ou não no Distrito, considerou-se pertinente referir-se a eles como atores externos, uma vez que os mesmos, por não serem nativos, não são reconhecidos como membros da comunidade local em sentido pleno.

Os representantes da Irmandade, ou Mesa Administrativa, foram o presidente e o vice-presidente. As irmandades, ou ordens terceiras e confrarias religiosas, foram instituições fundamentalmente marcadas pela participação ativa dos leigos na organização da vida religiosa. Particularmente no contexto de Minas Gerais, em específico Ouro Preto, o movimento das confrarias foi parte da história da colonização portuguesa no século XVIII. Essa tradição foi se enfraquecendo no país ao longo do tempo, mas em Lavras Novas, a Irmandade Nossa Senhora dos Prazeres, fundada em 1722 e representada pela Mesa Administrativa, ainda continua atuante. Somente é considerado irmão, o

nativo, aquele nascido em Lavras Novas. O objetivo fim é guardar o patrimônio da Igreja e tudo que está relacionado a ela, como a organização das festas religiosas, a festa da padroeira e a Semana Santa. A irmandade é bancada pelos próprios irmãos com uma mensalidade paga por cada família.

No que tange aos representantes do poder público, este foi composto apenas por representantes do poder legislativo, considerando então um vereador com representatividade em Lavras Novas e outras duas entrevistadas representantes da Câmara Itinerante.

Os outros sujeitos de pesquisa foram os representantes da Associação dos Moradores e moradores nativos do Distrito. A Associação dos Moradores é recém-implantada e está no segundo mandato. A Associação foi pensada no intuito de fazer uma ligação direta entre a comunidade e a prefeitura de Ouro Preto, de forma a sistematizar as vozes da população.

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, este foi baseado em fontes primárias e a técnica de pesquisa utilizada foi a entrevista. Segundo Gil (1999) nas entrevistas prevalecem pontos de interesse do pesquisador que podem variar à medida que se fizerem presentes fatos novos e de interesse da pesquisa. O objetivo é deixar que o entrevistado fale livremente.

Consideraram-se como unidades de análise as falas, ou depoimentos, dos sujeitos da pesquisa face ao roteiro de entrevistas aplicado, o qual, em versão semi estruturada permitiu a ampliação das questões norteadoras durante a coleta de dados, considerando os temas identidade, turismo e desenvolvimento local.

No quadro a seguir são apresentados os códigos referentes a cada entrevistado e a respectiva qualificação.

Quadro 1. Identificação e codificação dos sujeitos de pesquisa

Código	Qualificação
E1; E2; E3; E4; E5; E6; E8	Empresário externo
E7; E9; E10	Empresário local
E11	Empresário externo
M1; M2	Membro da Mesa Administrativa
P1; P2	Membro do Poder Público
N1; N2; N3; N4; N5; N6; N7; N8; N9; N10; N11; N12	Morador nativo
A1; A2; A3	Membro da Associação dos Moradores

Fonte: Elaborado pelos autores (2013)

O acesso aos entrevistados, bem como, a identificação de suas categorias, tornou-se possível por meio da técnica de pesquisa “bola de neve”, a qual consiste em uma técnica não probabilística de amostragem em que um grupo inicial de entrevistados é selecionado aleatoriamente e os próximos entrevistados são selecionados a partir de informações dos entrevistados iniciais, processo este executado em ondas sucessivas (MALHOTRA, 2001).

No que tange a análise dos resultados, partiu-se dos dados colhidos na pesquisa de campo. As entrevistas foram transcritas *ipsis litteris*, e depois codificadas para melhor identificação e uso das falas no texto.

A partir desta codificação iniciou-se a análise buscando interpretá-los à luz do quadro teórico construído, a fim de analisar e confrontar os aspectos e pontos que serviram de base para as conclusões.

Tendo em vista a concepção teórica de desenvolvimento e identidade adotada neste trabalho, que contempla uma pluralidade de atores e suas interações, intencionalmente valorizaram-se as falas dos diversos atores na composição dos resultados do trabalho. A expectativa foi que as relações entre as variáveis estudadas fossem desveladas nas múltiplas vozes do sistema de atores, na medida em que se complementam ou se contradizem.

Caracterização do objeto

Lavras Novas é um dos doze distritos pertencentes ao município de Ouro Preto – Minas Gerais. Está localizada a 30 km de Ouro Preto e 120 km da capital mineira – Belo Horizonte.

Figura 1. Localização do distrito



Fonte: site de divulgação do Distrito (2013).

Conforme os relatos, colhidos na pesquisa de campo, por muitos anos a principal atividade geradora de emprego era a usina canadense de alumínio (ALCAN), localizada em Saramenha, bairro de Ouro Preto. Na usina, apenas os homens de Lavras Novas trabalhavam, sendo descrito pelos lavranovenses como um período de muitos sacrifícios, visto que a principal fonte de renda era esta e apenas para homens, além da dificuldade de recursos³ e transportes. As mulheres ajudavam nas despesas da casa por meio da plantação de chá e da colheita de bambu para o artesanato.

Há mais ou menos 30 anos passou a receber um fluxo de turistas, sendo que nos últimos 15 anos este passou a ser mais intenso, o que levou a alterações na vida local desta pequena comunidade de pouco mais de 900 habitantes, que em finais de semana de pico chega a somar três mil pessoas (dados da pesquisa empírica, 2013).

3 Para chegarem à ALCAN, os homens saíam de casa por volta das 4 horas da manhã para caminhar 18 quilômetros e chegar às 7 horas na empresa para bater seu cartão.

Figura 2. Distrito de Lavras Novas

Fonte: site de divulgação do Distrito (2013).

Análise dos resultados

A identidade está diretamente relacionada ao ator local, isto é, é uma forma de expressão que vincula o homem ao seu território e dá a este o sentido apontado por Santos (1996) onde o espaço cujo conteúdo é constituído por objetos e pela ação do indivíduo.

Nesse processo, não se está analisando simplesmente uma história de crescimento ou de estancamento econômico, tampouco se trata de algo que se define unicamente no interior de um sistema de relações de poder. Além do mais, o desenvolvimento é também um processo cultural que deve se levar em conta os mecanismos de socialização dos indivíduos e grupos.

No Distrito de Lavras Novas, a característica identidade é muito forte na população local. O sujeito da pesquisa identificado como P2 caracteriza a comunidade como autêntica e com uma identidade comunitária: “isso não é articulação política deles não, é, uma grande família, eles são eles, o jeito de falar, mexer”, isto é, a articulação existente na comunidade se pauta no modo de vida historicamente presente no contexto da Irmandade, não encontra ali um processo de planejamento em torno da atividade turística, ou mesmo uma articulação política, que oriente o desenvolvimento.

Ao serem questionados sobre a possibilidade de um dia mudar de Lavras Novas, a resposta de N4 foi a mesma de todas os outros entrevistados da comunidade, de maneiras diferentes de dizer, mas todas com o mesmo significado: “(N4) não, não, pra mim aqui, eu nasci e criei aqui, pra lugar nenhum não tem vontade”.

Quando a arguição pautou na relação comunidade nativa e investidores externos, P2 destacou o orgulho da comunidade em pertencer a Lavras Novas: “(P2) lá tem essa coisa muito forte, eles tem orgulho de ser Lavras Novas, são dali, são eles e não aceita muita interferência externa não”, questão também sentida na conversa com A3, mesmo o assunto sendo a relação com os investidores externos, na fala de A3 é possível perceber esta distinção em ser nativo e “os de fora”:

(A3) olha, igual nós que somos moradores aqui de LN, nativos aqui, nós até que não temos assim uma divergência com essas pessoas que vem procura emprego, vem de fora pra trabalha aqui não, mas também a gente não tem aquele laço neh, de amizade neh, cada um na sua, isso, cada um cuida do seu (...) alguns sim. Alguns sim. Mas outros, outros infelizmente vivem no mundo deles, não querem chegar no nosso mundo, é por que se eles chegaram aqui, encontraram a gente aqui, eles tem que procurar saber como que era a vida da gente aqui e procurar adaptar um pouco à vida da comunidade neh, infelizmente alguns não procuram fazer isso, são poucos, são poucos que fazem isso.

Esta afinidade com os não nativos e o não envolvimento social com eles também é destacado por E9: “(E9) (...) o povo aqui ainda é muito desconfiado em relação ao povo de fora, entendeu? Tipo assim, ainda é um povo, como que eu vou dizer, que ainda não ta, é abertamente assim”.

Nesse aspecto, vale relembrar Le Bourlegat (2000, apud MARTINS, 2005) ao destacar que é o sentimento de pertencer a determinado lugar, enquanto conjunto e resultado de uma vida cotidiana que está entre um tipo de energia intangível, isto feito, pode e deve ser incorporado como alavanca para o desenvolvimento. Sendo assim, conforme exposto, percebe-se esse sentimento de pertencimento ao lugar naqueles que são nativos do Distrito, contudo, a relação e evolução de uma vida em conjunto entre novos moradores e nativos em Lavras Novas ainda se demonstra aquém.

Arocena (2001) destaca que esse aspecto é difícil de encontrar, isto é, ter em uma mesma sociedade um lugar fidedigno e autêntico às suas tradições, ao mesmo tempo em que tenha abertura às novas aprendizagens e de novas pautas sociais e econômicas. Isso se deve ao fato da afirmação das identidades locais se apresentar normalmente em atitudes conservadoras e contrária a toda troca que signifique colocar em questão os costumes e hábitos adquiridos.

Essas características são decorrentes da fase comunitária da comunidade. De acordo com os relatos, entre os irmãos no Distrito, a principal característica sempre foi a solidariedade:

(N7) ainda hoje, isso aí é uma coisa que eu acho muito importante, é uma das coisas que eu falo que nós não pode deixa, não pode perde, é um povo solidário, muito bom, gosta de ajuda mesmo, se chega uma pessoa e precisa de alguma coisa, o povo num instante se reúne, vamo fazê isso, nós tamo precisando de junta agasalho pra tal lugar que tá assim, o povo junta tanto agasalho, ocê precisa leva alimento pra tal lugar, ocê chegou em casa todo mundo, é um povo muito bacana, bom, isso, isso, às vezes eu até falo, oh povo bão, entendeu, o povo bão, o povo bão, às vezes é ignorante, sim, mas não, eu nem culpo, às vezes a ignorância deles, é por que às vezes é o jeito de se defender uai, às vezes a pessoa é até meio ignorante porque é um meio de se defender, não sabe defender de outra forma, aí se defende desse jeito, não é nem, mas cada um acha um jeito de se proteger do jeito que sabe, entendeu, mas aqui o povo é muito bacana, muito bacana mesmo.

Características também ressaltadas por M2:

(M1) não, não não tem, nossa minha filha, se o pessoal chega aqui hoje, se ocê for chegar, se você for na cachoeira e pedir informação, todo mundo te explica, se você vier pra Lavras Novas e sentar num barzinho todo mundo deixa você ficar sentado, se você sentar em frente a Igreja tirar uma foto, todo mundo deixa, mas se você pra Lavras Novas fazer bagunça, o pessoal te manda ocê pra fora de casa que eu já vi muita gente.

Arocena (2001) comenta que a noção de identidade local se baseia em reconhecer-se em uma história coletiva. Todos os componentes dessa identidade se explicam somente e se percebem a existência de uma história vivida em cada um dos habitantes da sociedade local.

É nesse aspecto que, quando pensamos no local, estamos propagando um sentimento de pertencimento a um determinado lugar, diferenciado como identidade social e que geralmente está relacionada a critérios referentes a locais específicos e de forte ligação pessoal.

Outros aspectos que mantêm a identidade no Distrito de Lavras Novas. Um deles são as suas tradições que estão sendo preservadas. Outro refere-se a uma observação feita durante as conversas, que é o fato de, apesar das tradições fortemente ligadas à Irmandade e distintas do tradicional, não se observou um desejo que estas se tornem um dia produtos turísticos.

Para E6, essas tradições são mantidas principalmente porque a mesa administrativa trabalha para isso, em conjunto com as pousadas, com o intuito de serem respeitados os dias de festa, como por exemplo:

(E6) Por isso, eles... isso é porque a mesa administrativa feita por eles né, essa mesa ajuda que isso não permita ser eliminado, eles tem a preferência e as pousadas dão essa preferência, a pousada que não de eles não vem trabalhar, eles fazem piquete, todos todos temos que... nós que viemos pra cá, então nós temos que respeitar isso, se acaba isso o fascínio também acaba acredito eu, então isso ter que ser muito respeitado e cultivado. Eles cultivam a identidade deles as histórias...

Em relação à Irmandade, a função do Irmão também é cobrada pela mesa administrativa:

(M2) é o irmão, ele tem que participar da, do dizimo, ele tem que participar da festa, tem que participar de reuniões da comunidade, da assembleia, quando a mesa administrativa faz uma assembleia, ele tem que tá lá presente, esse tempo todo, pra depois ele considerar irmão, eu sou de Lavras Novas, lavranovense.

Como descrito acima, as tradições são mantidas em Lavras Novas, e existem muitas delas, fortemente vinculadas à identidade da comunidade. As principais são relacionadas à festa da Padroeira Nossa Senhora dos Prazeres, às festas de São João, Semana Santa com a Encomendação das Almas e o enterro dos Irmãos⁴. Além dessas festas, a religiosidade da população local também é um traço marcante da comunidade. E10 e M2 comentaram sobre algumas:

(E10) A tradição nossa mais forte que nós temos aqui, o que que é, a festa religiosa que nós temos aqui, a festa da padroeira, que é sempre no mês de agosto, é uma tradição forte, o pessoal daqui somo tudo católico em devoção à ela, entendeu ... Tem São João também, a quadria, tem forró, nós sai pra Belo Horizonte pra toca, pra tudo lugar aí, se chama a gente, a gente vai.

(M2) bate o sino 6 horas da manhã, um toque de sino diferente que dá neh, bate o sino pra avisar a comunidade que um irmão morreu, que perdemos uma irmã, aí a cidade toda percebe, alguém morreu,

4 Em 2005 foi lançado o filme *As Filhas do Vento*, dirigido por Joel Zito Araújo. Foi filmado no Distrito de Lavras Novas e no decorrer da história destacam-se tradições como o enterro de um irmão e a encomendação das almas. Entre os atores estão: Taís Araújo, Milton Gonçalves, Jonas Bloch, além da participação de pessoas da comunidade.

aí todo mundo vai, ajuda essas coisas, e tem também na, quando a pessoa vai ser, o sepultamento, então assim, por exemplo tá marcado pra 4 horas, toca o sino 3 e meia, aí vai os irmãos se vestiram de opas e carregar a cruz de prata, aí vai na casa da pessoa, que a pessoa aqui é velada em casa, na casa da pessoa e leva pra Igreja e depois da Igreja leva lá pro cemitério

(E10) É, o catolicismo aqui é forte, muito forte, aqui 100% é católico, entendeu, o pessoal tem muita fé na padroeira, inclusive Ela já livrou nois de muita coisa aqui, nós tem a festa dela, que no mês de agosto tem a festa, e tem a tradição de forró também neh, tem o forró pé de serra, que tem a banda aqui, eles chama a gente de jekitilavras, de Jequitinhonha com Lavras, que o vocalista da banda ele é de lá do Vale do Jequitinhonha e mora aqui, ele tem uma pousada aqui também, entendeu nós somo compadre, então nois fizemo uma banda de forró.

Não apenas as tradições de Lavras Novas, mas também, a formação da identidade comunitária, está vinculada à Irmandade. Isso se caracteriza com a própria história das irmandades no Brasil.

Segundo Gomes (2009), essas instituições foram as responsáveis pela promoção da religiosidade entre os irmãos, pela prestação de assistência social aos seus associados, além de arregimentarem seus irmãos em torno da devoção do santo protetor e estimular, principalmente, a devoção e o amor ao próximo. Esta definição, para o autor, se expressava na vida e na morte do irmão, pois se prestava assistência aos membros, mais particularmente na hora da morte, visto como ponto central vida dessas instituições. Gomes (2009) ainda destaca que as irmandades cuidavam para que seus membros tivessem enterros solenes distinguidos pela “pompa fúnebre”, juntamente com as festas fazia parte da tradição cerimonial. A devoção era entendida como ponto estruturador do grupo.

Entretanto, apesar da identidade ser a marca maior da comunidade local, é fato que atividade turística leva um fluxo de pessoas de várias partes do país, pessoas de diferentes culturas, religiões, costumes e gostos. Em função disso, alguns entrevistados mostraram o receio com a perda paulatina da identidade:

(A1) fala que já perdeu um pouco a identidade, eles não sabe mais brinca, a gente adorava brinca de carrinho de, fazia aqueles carrinho igual rolimã sabe, descia aqui assim que não era calçado que nem louco, oê não vê quase menino na rua em LN brincando, vai te ideia na identidade, não e sem conta que eles fala assim, nossa, vi uma menina bonita, aí um fala assim, filha de quem, não, não é daqui não, é turista, entendeu (...)ai, eu tenho até medo viu, sinceramente eu tenho medo, por que daqui nós mesmos, nativos moradores de Lavras Novas vamo perde a identidade.

Nesse ponto também E9 apontou que o turismo foi bom para o lugar, pois trouxe uma melhora na qualidade de vida. Porém, também demonstra certo medo da aculturação⁵:

(E9) Positivo, eu acho que melhora é, o estilo de vida do pessoal, por que é uma renda a mais neh, eu acho que negativo vem muito é, mudanças de realidade, são realidades diferentes, até mesmo de culturas diferentes, então acho que assim, dá uma quebra às vezes na própria cultura local, que começa

5 Neste trabalho o termo aculturação é entendido a partir do conceito de Cuche (2004, p.15): “o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (patterns) culturais iniciais de um ou dois grupos”.

a se perder pela influência de várias outras culturas que você tem, você começa a se perder um pouco na qual é a sua, principalmente por ser um lugar muito pequeno, entendeu, então assim, Lavras Novas teve um crescimento assim, então a influência de fora é muito grande, então assim, os mais velhos tentam colocar na cabeça, então assim, a gente tá sempre mostrando como é a cultura local pra não se perder.

Ao passo que a ordem global busca infligir, a todos os lugares, uma única racionalidade, Santos (1994) diz que os lugares rebatem ao mundo, segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.

No que diz respeito ao receio de aculturação, Castriota (2009) aponta que os riscos de homogeneização que vão acompanhados dos processos de mundialização, estando a atividade turística circunscrita nesse processo. O autor enxerga que este mesmo movimento pode produzir um efeito contrário, isto é, pode afirmar ainda mais a sua identidade, despertando ainda mais um sentimento de orgulho local, como uma necessidade de afirmação ao mundo.

Em suma, a identidade trata de um processo de interação entre os atores locais, configurado num processo de saber, um modo de fazer e/ou uma cultura local. Destarte, a identidade se caracteriza, então, como articuladora do território, “uma complexidade (...) da interação indivíduo-ambiente, mas não (...) uma mera ligação com determinado lugar, como pelo fato de nele ter nascido” “Mais do que isso, refere-se a uma experiência vivida e que a ele fique impregnada” (GAVA, 2009, p. 120).

Particularmente no caso de Lavras Novas, a ligação com o lugar tem papel preponderante no que se identifica como local, haja vista os conflitos que se percebe entre nativos e “os de fora” e o sentido de comunidade que se atribui mais exclusivamente àqueles que nasceram no Distrito.

Segundo Arocena (2001), a identidade pode se tornar uma alavanca para o desenvolvimento local somente quando adquirir toda a sua potencialidade e a força dessa carga histórica produzir interrogações sobre o presente, o passado, e agir em direção ao futuro

Considerações finais

Este artigo objetivou compreender como a identidade da comunidade pode ser considerada uma variável interveniente ao processo de desenvolvimento local. Também, procurou nos conceitos teóricos sobre identidade a busca coletiva e a evolução de uma comunidade, ao passo que a história desta pode ser redesenhada e não compreendida de forma isolada.

Em Lavras Novas viu-se que a identificação dos moradores nativos do Distrito entre seus pares acontece de forma veemente no sentimento de pertença ao lugar e na nostalgia dos moradores quanto à fase comunitária, antes da inserção da atividade turística. Dessa forma, foi possível identificar em Lavras Novas, pontos que são destacados na citação de Gava (2009) ao dizer que a identidade é redesenhada ao longo da formação de um povo, por isto, não deve ser compreendida de forma isolada. Quando nos voltamos ao local, estamos expressando um sentimento de pertencimento a um determinado lugar, caracterizado como identidade social e que normalmente está relacionada a critérios referentes a locais específicos e de forte ligação pessoal.

Em suma, a identidade trata de um processo de interação entre os atores locais, configurado num processo de saber, um modo de fazer e/ou uma cultura local. Destarte, a identidade se caracteriza, então, como articuladora do território, “uma complexidade (...) da interação indivíduo-ambiente,

mas não (...) uma mera ligação com determinado lugar, como pelo fato de nele ter nascido (...), mais do que isso, refere-se a uma experiência vivida e que a ele fique impregnada” (GAVA, 2009, p. 120). Particularmente no caso de Lavras Novas, a ligação com o lugar tem papel preponderante no que se identifica como local, haja vista os conflitos que se percebe entre nativos e “os de fora” e o sentido de comunidade que se atribui mais exclusivamente àqueles que nasceram no Distrito.

Foi possível identificar pontos de fortalecimento da identidade e da comunidade como a própria Irmandade e as festas religiosas, haja vista que essa entidade e essas festas ainda são realizadas com o intuito de preservação da própria comunidade e não se viu interesse em tornar isso um produto para atrair turistas. Contudo, isso pode mostrar-se insuficiente ao passo que existe certa segregação entre nativos e empreendedores externos.

Isso vai pelo caminho contrário ao argumento de Arocena (2001), em que a identidade pode se tornar uma alavanca para o desenvolvimento local somente quando adquirir toda a sua potencialidade e a força dessa carga histórica produzir interrogações sobre o presente o passado e o futuro.

Ao passo que envolvemos os conceitos de identidade em que se abarcam variáveis como coletividade e reconhecimento de uma cultura historicamente construída, os autores alertam que o mero reconhecimento nesta história não apresenta nenhum sentido quando se é apenas nostálgico, isto é, a identidade apenas torna-se uma força interveniente ao desenvolvimento quando a força dessa carga histórica provoca questionamentos sobre o presente, o passado e o futuro, em outros termos, a identidade gera desenvolvimento quando o indivíduo ou o grupo que atua se reconhecem a si mesmos enquanto capazes de contribuir com algo para a comunidade.

Em Lavras Novas a identidade local apresenta diversas facetas. Ao mesmo tempo em que a história e a cultura do povo do Distrito atraem a atenção de uma significativa parcela dos turistas (fenômeno que era ainda mais expressivo no início da atividade turística), essa identidade é também o ponto que separa a população que vive em Lavras Novas em nativos e os de fora.

Há forte identidade, com vínculos consistentes com a história local, mas não ficam presos a saudosismo de outrora. No entanto, também não se mostrou suficiente para promover ações significativas para alterar uma rota conflituosa e pouco satisfatória para as condições de vida local. Significativo mesmo, quanto ao papel da identidade, é um conjunto de iniciativas diretas para manter a irmandade e folclores e, indiretamente, possíveis ganhos que isto promoveria por meio da atração turística.

Em suma, notam-se movimentos distintos em curso na localidade, os quais afetam a identidade, o turismo e o desenvolvimento. Por um lado, a força cultural que reserva aos nativos determinadas manifestações, tanto preserva características identitárias que um dia contribuíram como propulsores na atração de turistas, quanto também é geradora de uma segregação local, em relação a novos moradores, capaz de corromper o próprio sentido de comunidade.

Outro movimento refere-se às implicações econômicas, no contexto do desenvolvimento. A entrada de capital externo à comunidade provocou alteração profunda no modo de produção e de vida dos nativos, tal fenômeno pode interferir na identidade local, afetando o patrimônio cultural por consequência de influências exógenas, ou, por outra via, pode representar um salto qualitativo no modo de vida, e assim reforçar a identificação do nativo pelo lugar.

Referências bibliográficas

- AROCENA, J. De las ciencias sociales internacionales. Taller Internacional sobre Desarrollo local. **Boletín Electrónico Centro de Investigaciones Psicológicas e Sociológicas**, Ciudad de La Habana, Año 1, n. 3, p. 18-41, noviembre. 2004.
- AROCENA, J. **El desarrollo local: un desafío contemporáneo**. Montevideo: Universidad Católica, 2001.
- BERTON, L. H.; CUNHA, S. K.; CUNHA, J. C. Planejamento e governança de um cluster turístico. In: **Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (ANPAD)**, 29, 2005, Salvador. Anais... Salvador, ANPAD, 2005.
- BRANDÃO, C. A. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e global**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO TURISMO. Dados sobre o turismo internacional e doméstico. Disponível em: <http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/home.html>. Acesso em: 03 jan 2013.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 617 p.
- CASTRIOTA, L.B. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.
- CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.
- CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2004.
- DE LA TORRE, O. **El turismo, fenómeno social**, México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- DOWBOR, L. O que é poder local? Editora Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, São Paulo 1995. Disponível em: http://dowbor.org/poder_local.asp Acesso em: 09 Out. 2008.
- FRANCO, A. de. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável**. Brasília: MILLENNIUM, 2000.
- GAVA, R. **Autodeterminação local e desenvolvimento : Uma análise da dinâmica social no município de São Roque de Minas**. Tese de Doutorado. Fundação Getulio Vargas. Rio de Janeiro, 2009.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, D.G. As Ordens Terceiras em Minas Gerais: suas interações e solidariedades no período ultramontano (1844-1875). In: Anais Do II Encontro Nacional Do Gt História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**. Maringá (PR), v. 1, n. 3, 2009. <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em 16 fev 2013.
- LAVRAS NOVAS. Disponível em: <http://www.lavrasnovas.com.br/index.html>. Acesso em: 10 dez 2013.
- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARTINS, R.S.O. Desenvolvimento local e turismo : por uma ética de compromisso e responsabilidade com o lugar e com a vida. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. 2005.
- RAMALHO FILHO, R. e SARMENTO, M.E.C. Turismo, Lugar e Identidade. IN: **II Encontro Nacional da ANPPAS (ENANPPAS)**, 2, 2004, São Paulo. Anais... São Paulo, 2004.
- REIS, J. C. **As identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. O retorno do território. in: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. Aparecida; SILVEIRA, M. L. (org.) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994, p.15-20.

SECCHI, L. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

SOUZA, R. L. de. **Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Silvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, V. S.; TRICÁRIO, L. T. Patrimônio, imagem e turismo de sightseeing: olhares e reflexos sobre o destino São Luiz, Brasil. In SANTOS, M.; et all. **Desenvolvimento em turismo**. Faro, Portugal: Universidade do Algarve, Escola Superior de Gestão Hotelaria e Turismo. 2013.

VÁZQUEZ BARQUERO, A. Desarrollo endógeno y globalización. EURE (Santiago), Santiago, v. 26, n. 79, dic. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So250-71612000007900003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 26 nov. 2013.

_____. (1990), Conceptualizing regional dynamics in regency industrialized countries, Enviroment and Planning. Londres: Pion, v,21, p,477-491.